



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

PERSPECTIVA DE UNIDADE?

Marcos Roberto Inhauser

Creio que a frase é do falecido Ulisses Guimarães: “a maior obra das esquerdas é dividir-se”. Parafraseando-a e aplicando ao contexto das igrejas evangélicas, digo: “a maior obra das igrejas tem sido fragmentar-se”.

Desde o surgimento da Reforma, apareceram divisões. Luteranos, Calvinistas, Zwinglianos e Anabatistas se confrontaram. O pomo da discórdia foi a questão da Ceia ou Eucaristia. Todos se negavam a aceitar a formulação católica da transubstanciação, onde se afirma que com a consagração dos elementos da Eucaristia eles se transformam em carne e sangue de Cristo.

Luteranos afirmavam a consubstanciação, calvinistas a simbolização sacramental, zwinglianos e anabatistas a doutrina memorial.

Depois destas divisões (e dissensões) iniciais, muitas outras surgiram. Wesleyanos de vários matizes, batistas de várias tendências. No início do século, com o advento do pentecostalismo e tendo como berço o individualismo pragmático norte-americano, muitas novas denominações surgiram e muitas tradicionais se dividiram. O mundo protestante foi invadido por uma infinidade de novas tendências teológicas e formas litúrgicas, que passou a ser chamado impropriamente de “evangélico”, termo este mais usado pela mídia que pelos teólogos e sociólogos da religião, uma vez que não reflete a realidade das tendências teológicas do mundo que pretende englobar e caracterizar.

Mais recentemente, nas décadas de 70 e 80, surgiu o fenômeno neopentecostal, com seus templos pululando por toda parte e com doutrinas que assustaram os mais atentos.

Hoje o mundo “evangélico” é tão vasto e complicado de se entender que se torna impossível dizer algo que seja consensual às várias tendências. Por causa desta fragmentação, a igreja cristã não-católica tem dificuldades em ter uma voz profética ou um posicionamento frente aos graves problemas brasileiros e internacionais.

O Conselho Nacional das Igrejas Cristãs – CONIC é um organismo que pretende aglutinar estas forças, mas as igrejas afiliadas são só sete, sendo cinco da tradição reformada.

Na cidade de Campinas, o mesmo ocorre. No passado se fundou o Conselho Municipal de Pastores Evangélicos de Campinas, mas influências de pastores-políticos fizeram com que o mesmo se definhasse. Durante o tempo de inatividade, um pastor tomou sobre si a responsabilidade de reunir mensalmente os pastores, inclusive arcando com os custos de tal empreitada. Aos poucos foi crescendo a consciência de se ter uma instância que pudesse trabalhar por uma unidade maior entre os vários segmentos e cooperação entre eles.

Quando dois vereadores da cidade se declararam “legítimos representantes dos evangélicos” frente aos poderes legislativo e executivo, houve uma grita generalizada e a necessidade de se reorganizar o Conselho de Pastores voltou mais forte que nunca. Na última quinta-feira uma nova diretoria foi eleita com o compromisso de revitalizá-lo e promover a unidade e cooperação entre as igrejas.

Que desta vez ele esteja imune às investidas dos que querem fazer das comunidades religiosas currais de votos.